



FORMAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA

Fabiano Dias

Universidade São Judas Tadeu

Greice Kelly de Oliveira

Instituto Federal de São Paulo

Elisabete dos Santos Freire

Universidade São Judas Tadeu

Simone Tolaine Massetto

Resumo: O contexto sócio-histórico faz com que os fenômenos “agressividade e violência” apresentem manifestações e compreensões bastante diversas. Tal fato nos fornece uma amostra de que o estudo desta temática é tão importante quanto complexo. Explícito e alvo de estudos, em diferentes espaços de convívio social, o comportamento agressivo ainda é pouco explorado em estudos relativos à formação esportiva de crianças e adolescentes. Diante da necessidade de ampliação dos conhecimentos acerca dessa temática, este estudo teve como objetivo analisar como os treinadores de categorias de base, de três diferentes modalidades esportivas coletivas, conceituam e lidam com a agressividade e a violência na formação esportiva de crianças e adolescentes. A amostra foi composta por dez treinadores das modalidades basquetebol, handebol e futebol atuantes nas categorias de base de uma instituição de formação esportiva localizada em Barueri. Foram adotados os procedimentos de coleta e análise dos dados propostos no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os discursos nos permitiram compreender que o grupo participante do estudo não demonstrou clareza conceitual sobre os termos agressividade, agressão e violência, porém demonstraram um saber particular sobre o tema na prática cotidiana. A amostra evidenciou, em 80% dos casos, a preocupação na orientação dos atletas no sentido de evitarem o comportamento agressivo, com intenção de machucar, porém todos concordam que a agressividade é importante para o esporte.

Palavras-chave: formação esportiva; agressividade; criança.

INTRODUÇÃO

No contexto social contemporâneo, a temática da agressividade está presente nos diversos âmbitos da sociedade e em uma infinidade de circunstâncias, se tornando, de maneira geral, um fenômeno social que ocupa cada vez mais tempo nos veículos de comunicação. É comum que cenas de pessoas sofrendo agressões sejam televisionadas e notícias abordando situações de violência vêm sendo transformadas em pauta espetacular pela mídia. A exibição de imagens de guerra em conflitos bélicos internacionais, atentados terroristas contra civis, manifestações violentas por todo o mundo são cenas rotineiras. O agravante é que não se trata de imagens de ficção, pois fazem parte do cotidiano.

O esporte, como fenômeno social, é considerado um dos mais importantes e influentes do século XX, sendo assim, está presente na vida de muitas pessoas de diferentes classes sociais, idades, gênero e religião (PUJALS; VIEIRA, 2002). Está ligado ao homem desde seus primórdios, há milhares de anos, quando fugiam de animais predadores e lutavam por áreas e regiões. Registros históricos comprovam que em várias regiões do planeta e em épocas diferentes, os povos praticavam atividades esportivas. Um exemplo são os Jogos Olímpicos da Grécia antiga que foram criados em homenagem aos deuses do Olimpo e datam de 776 a.C. (LIMA; MARTINS; CAPRARO, 2009). O esporte moderno, como é conhecido hoje, teve seu início ligado ao ressurgimento, em 1896, dos Jogos Olímpicos Modernos, por Pierre de Coubertin, e com a Revolução Industrial no século XIX na Inglaterra, nos quais foram criadas várias modalidades esportivas, como o futebol e o hughby. Na Inglaterra, surgiram os primeiros clubes que se organizaram e formaram ligas para disputarem torneios. Essa prática se disseminou pelo mundo e o esporte se profissionalizou, tornando-se um negócio lucrativo (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

Esse fenômeno social abrange também as crianças e adolescentes, que, cada vez mais cedo, estão frequentando as escolas de esportes.

Atitudes e comportamentos são constituintes do processo de formação esportiva de crianças e adolescentes, sendo ações intencionalmente planejadas ou não. Entretanto, a organização e prática do esporte, sem levar em conta a formação integral do praticante, negligenciando suas dimensões social, cultural, ética e moral, pode não só perpetuar práticas indesejáveis e prejudiciais aos indivíduos e à sociedade, quanto pode levar as pessoas a desacreditarem nos valores positivos que supostamente podem ser agregados à prática do esporte (SANTOS, 2005).

Vários fatores influenciam o rendimento no esporte, entre esses, a motivação, a autoestima, a autoconfiança, a ansiedade e a agressividade. Nas práticas esportivas, a agressividade pode ser vista como componente importante para o sucesso, e pode

ser classificada em uma escala, de acordo com a intensidade e tipo, própria a cada modalidade. Algumas exigem maior força física contra o adversário, enquanto outras ações mais vigorosas, contra o ambiente circundante em vez de agressão direta (PUJALS; VIEIRA, 2002).

Uma conduta pode ser considerada agressiva:

Quando uma pessoa desrespeita as normas sociais e as regras esportivas e pretende prejudicar outra pessoa no sentido de provocar-lhe um prejuízo ou dano pessoal, do qual pode resultar alguma forma de lesão corporal ou sofrimento psíquico (GABLER, 1987, p. 95 apud SAMULSKI, 2002).

Baron e Richardson (1994, p. 7) definem a agressão como “qualquer forma de comportamento dirigido ao objetivo de prejudicar ou ferir um outro ser vivo que está motivado a evitar este comportamento”. A agressão é um comportamento humano que pode ser físico ou verbal e não é considerado uma atitude ou emoção. A agressão envolve danos e ferimentos físicos ou psicológicos e é dirigida a outro ser vivo ou a si mesmo.

Existem quatro importantes teorias em relação às causas de agressões: a) Teoria do instinto – que acredita que a agressão representa um instinto inato, espontâneo e cumulativo, ou seja, que se acumula por algum tempo e precisa ser extravasada de alguma forma de tempos em tempos; b) Teoria da frustração-agressão – parte do pressuposto de que vivências de fracassos (frustrações) provocam agressões; c) Teoria da aprendizagem social – acredita que a agressão é aprendida por meio de observação de outros, imitação de modelos agressivos; d) Teoria da agressão-frustração revisada – combina elementos da teoria da frustração-agressão com a teoria da aprendizagem social (SAMULSKI, 2002; WEINBERG; GOULD, 2001).

A agressividade pertencente ao esporte é permitida dentro de regras estruturadas e com condições específicas. Em determinadas modalidades esportivas, muitas vezes as regras as toleram. Sendo assim, as pessoas que estão habituadas a essas disciplinas começam a ter uma maior aceitação às atitudes agressivas, acreditando que realmente fazem parte da modalidade praticada. A agressividade, quando não é mantida dentro dos limites das regras e do bom senso, pode certamente atrapalhar o desempenho do atleta e de sua equipe (PUJALS; VIEIRA, 2002).

A importância do jogo, a frustração individual e a falta de capacidade para lidar com determinada situação são fatores que fazem a violência aflorar em determinada situação. A frustração, quando não trabalhada, é geradora de violência (BARROSO et al., 2007).

Samulski (2002) comenta que a agressão ou agressividade é vista com bons olhos, quando bem direcionada. Muitos denominam agressão boa no esporte, ou

seja, agressividade bem canalizada – por exemplo, buscar uma bola perdida no voleibol. Esse fato, em Psicologia Esportiva, é visto como comportamento assertivo: jogar pelas regras com alta intensidade e ativação, mas sem intenção de lesionar.

Segundo Barbanti (2005), os processos de formação esportiva, nas chamadas categorias de base, deveriam, como o próprio nome diz, ser a base para o desenvolvimento e treinamento das habilidades motoras; a formação para o jogo e para o relacionamento amistoso entre as crianças e os jovens. Porém, Barbanti (2005) considera que muitas vezes, os pais e treinadores não vejam dessa forma e vencer torna-se importante demais. Sendo assim, os atletas ainda em formação estão sujeitos a muita pressão e a críticas negativas, tanto por parte dos treinadores como dos pais. Essa situação normalmente gera baixa autoestima, comportamentos agressivos e ansiedade excessiva.

A literatura tem evidenciado a busca por fatores que desencadeiam a agressão e a ansiedade. Alguns partilham a ideia da agressão como um instinto de combate, e a ansiedade como a emoção que antecede ou precede os momentos agressivos, comuns a todos os seres vivos (EIBL-EIBSFELD, 1998). Outros acreditam que a agressão é fruto de uma frustração e incapacidade de lidar com determinada situação (BARROSO et al., 2007).

A presença de comportamento agressivo e violento tem relação direta com a importância emocional que a competição representa para cada um (esportista ou torcedor) e seu envolvimento emocional com a atividade. Além disso, é preciso levar em conta a participação direta das expectativas que cada torcedor leva para a competição, o que pode influenciar o comportamento agressivo de cada atleta na competição. A existência de uma plateia e/ou torcida pode influenciar ou auxiliar a manutenção da agressão, tanto entre os atletas como entre os que assistem (MACHADO; BRANDÃO, 2006).

A agressividade na infância pode ser um sintoma que reflete uma conduta desadaptada, podendo ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil. Conforme as crianças vão crescendo, a tendência é que esse comportamento desapareça, se suas necessidades forem sanadas. Nessas horas, é importante a intervenção de um adulto que esteja atento às mudanças de comportamentos das crianças, sabendo impor limites importantes para a formação dela (FRANÇA; YAEGASHI, 2005).

Quando não se consegue impor limites nas atitudes das crianças, elas podem extravasar essa agressividade e terá de desenvolver, também, condutas antissociais. No processo de formação esportiva, treinadores das categorias de base podem incitar esse comportamento julgando estar cumprindo seu papel (MACHADO et al., 2010). A primeira experiência esportiva da criança deve ser agradável e cabe

ao adulto a responsabilidade de criar situações de aprendizagem, nas quais a criança se divirta, sinta prazer e compreenda a si, ao outro e ao mundo, da melhor maneira possível. Atribuir valor excessivo a vitória, por exemplo, pode distorcer a importância da prática divertida para uma prática obrigatória, com única finalidade no produto. Regras rígidas como acontecem no esporte adulto podem incitar a violência contra juizes e colegas, pois as crianças não têm a oportunidade de se manifestar, discutir e colocar seus pontos de vista com relação a determinadas situações (MACHADO et al., 2010).

Este estudo tem como objetivo analisar como os treinadores de categorias de base de diferentes modalidades esportivas coletivas lidam com a agressividade na formação esportiva de crianças e adolescentes.

REVISÃO DA LITERATURA

Agressividade, agressão e violência

Winnicott (1958) afirma que a agressividade é algo inerente à natureza humana e que ela é necessária para a sobrevivência no início de sua vida. Winnicott (1982) reforça ainda, que a agressividade se inicia antes mesmo do nascimento e está presente nos movimentos tônicos da criança, o que não é intencional, nem mesmo possui uma conotação de conduta agressiva, mas irá auxiliar o bebê na descoberta de um mundo que não é o seu e, conseqüentemente, iniciar o estabelecimento de uma relação com o mundo externo.

Os movimentos executados pelo feto, como o agitar dos braços e das pernas, encontrarão como barreira a barriga de sua mãe, porém não são caracterizados como socos ou chutes, mas sim apenas como movimentos, pois não há intenção de machucar (WINNICOTT, 1994). Essa concepção sobre a agressividade vai ao encontro com o seu significado etimológico, que advém do latim *ad* (para a frente) + *gradior* (movimento), significando movimento para a frente, sendo assim, uma ação humana não necessariamente destrutiva (RICC, 2002).

Dessa forma, para Winnicott (1994), a agressividade traz em si um movimento natural, que nessa etapa da vida é apenas um movimento que surgiu por um ato de agressividade, sem intenção de machucar, não sendo um ato de agressão.

Agressividade e agressão podem, algumas vezes, serem confundidas e entendidas como tendo um mesmo significado. Agressão (do latim *aggressionem*) significa disposição para agredir, disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (FERREIRA, 1999). Significa ainda ataque à integridade física ou moral de alguém ou ato de hostilidade e provocação (HOUAISS et al., 2001). Fernandez (1992) mostra que os termos têm significados distintos: a agressividade pode ser dirigida

para outras esferas, como a aprendizagem ou o esporte, e a agressão não pode ser dirigida, é uma ação grosseira (um ato violento) que não traz benefício ao indivíduo que a executa, nem para aquele que foi objeto dela; a agressão é uma conduta manifestada com a intenção de destruir, ferir, degradar ou subjugar uma pessoa (inclusive a si próprio), um grupo de pessoas ou um objeto material (SOFIA; CRUZ, 2012). Os atos agressivos podem ser verbais, como um olhar inamistoso, uma palavra mais rude, atitudes físicas, como uma bofetada, um assassinato, um suicídio (HOKINO; CASAL, 2001).

A agressividade, também é confundida com a violência, a qual é definida por Pereira (1975, p. 61) da seguinte forma:

A violência tem duas conotações primordiais: física e moral. Ela pode ser ostensiva ou secreta. Ser praticada fisicamente, através da agressão material. Mas também evidenciada por meio de gestos, atitudes, palavras, orais ou escritas, e até mesmo pelo simples olhar. Numerosas são as formas de que se reveste a violência como ingrediente de muitas ações humanas.

Para Winnicott (2000), os termos não são sinônimos e a violência não é uma expressão da agressividade. Pelo contrário, para o autor, ela é o indício de problemas no exercício, vitalmente necessário, da agressividade. Winnicott (2000) ainda diz que a violência é algo a ser tratado, já a agressividade, algo a ser experimentado, e é uma das fontes permanentes da vida psíquica junto com a sexualidade. Assim, todo ato violento contém agressividade, mas nem toda agressividade pode ser considerada violência.

Influência genética e social

Alguns sujeitos são mais propícios a atos agressivos, os quais podem ser observados desde a tenra idade. Existem estudos que trazem a questão da influência genética para explicar essa situação, Mendes et al. (2009) relatam estudos genéticos realizados com gêmeos e indivíduos adotados, em que foram encontrados substratos relacionados ao desenvolvimento do comportamento agressivo, antissocial e violento. E os resultados dessas pesquisas relacionam os genes à enzima MAOA.

Existem controvérsias em relação à influência de uma maior ou menor expressão genética do polimorfismo MAOA, pois existem estudos que indicam que genótipos de baixa atividade aumentaram o risco de transtornos de conduta agressiva (WIDOM; BRZUSTWICZ, 2006).

Já outros estudos relataram que indivíduos do sexo masculino com genótipos de alta expressão genética apresentaram significativamente maiores riscos de agressividade do que aqueles com genótipos de baixa atividade enzimática (MANUCK et al.,

2002). Mas o que é consenso entre esses estudos é a influência genética no comportamento agressivo.

Outro fator biológico que pode influenciar o comportamento agressivo é o sujeito ser fisicamente forte, pois pode aumentar a probabilidade de que os atos agressivos com intenção de machucar tenham sucesso (BIAGGIO, 1998). Assim, uma criança fisicamente forte pode ter um reforço positivo de sua conduta agressiva, podendo vir a repetir esse ato.

O meio social e cultural em que o sujeito está inserido, também pode ser outro fator que poderia influenciar o comportamento agressivo. Pois, a cultura de determinado local pode encorajar ou desencorajar tal comportamento (SHAFFER, 2009). Esses meios podem ser a escola, um ambiente esportivo, a mídia e, principalmente, a família.

Existem estudos, os quais mostram que crianças com atitudes consideradas muito agressivas na escola viviam em lares que poderiam ser descritos como solos férteis para a hostilidade e o comportamento antissocial (SHAFFER, 2009; BIAGGIO, 1998). Os resultados desses estudos demonstram que as crianças extremamente agressivas viviam em um ambiente familiar em que os membros discutiam consistentemente uns com os outros, não havia conversas realizadas de forma amigável e, quando falavam, tendiam a ameaçar, provocar ou irritar outros membros familiares (PATTERSON, 1982).

Winnicott (1939) salienta a importância do ambiente familiar para permitir a expressão e transformação da agressividade infantil, que para o autor no início da vida não traz consigo a intenção de destruir. O autor enfatiza a função da família de criar condições para a formação de um vínculo seguro e estável para que a criança possa ter um lugar de referência e suporte.

Andrade e Bezerra (2009) apontam para o fato da influência da mídia na conduta agressiva, a maneira como as notícias de fatos violentos do cotidiano são exploradas na televisão, na internet, nos jornais e em outros meios de comunicação. A escola também pode contribuir para a conduta agressiva, assim como o ambiente de prática de atividades físicas como os clubes e escolas de esporte. Nesses locais, a criança ou o adolescente, cuja personalidade encontra-se em constante formação, poderá sofrer influências de outros adultos, os quais podem ter cristalizado, em suas personalidades, a conduta agressiva. Especificamente no esporte, o processo de ensino e treinamento poderá influenciar na personalidade do atleta. Assim, o treinador poderá ser um fator de reforço positivo ou negativo, dependendo de sua conduta, para o comportamento agressivo da criança e do adolescente (HOKINO; CASAL, 2001).

Classificação da agressividade

Alguns autores (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; HOKINO; CASAL, 2001; BARROSO et al., 2005; BIDUTTE et al., 2005) destacam a importância do treinador na aplicação de uma adequada orientação a seus jogadores para que a agressividade instrumental não passe para a hostil, pois pode ocorrer que, na busca por melhores resultados, por uma vitória a qualquer custo, acreditando que a agressão melhora o desempenho esportivo de seu time, pode ordenar aos jogadores que intimidem o adversário de forma verbal ou executem movimentos agressivos físicos com intensão de machucar.

Bidutte et al. (2005) destaca que as modalidades esportivas coletivas é uma condição facilitadora para a manifestação do comportamento agressivo e, assim, atletas de modalidades coletivas tendem para um maior número de comportamentos agressivos do que os que praticam modalidades individuais. A justificativa para isso é que as ações coletivas favorecem o comportamento agressivo, pois segundo Bandura et al. (1975) as pessoas agem de forma mais cruel quando estão em grupo do que quando estão sozinhas, pois não assumem a responsabilidade só para si.

Biaggio (1998) diz que a importância do fator modelo é enorme e que as crianças aprendem não apenas o que lhes é dito para fazer, mas principalmente o que veem ser feito por outras pessoas. O autor aponta estudos, os quais demonstram que o comportamento agressivo predomina quando os modelos agressivos são abundantes, sejam na figura do pai ou por outros adultos e companheiros e, esse modelo agressivo é considerado uma qualidade valorizada (MCCORD; ZOLA, 1959).

Outro fator que pode influenciar no desenvolvimento do comportamento agressivo é o reforço positivo. Foi verificado experimentalmente que crianças que recebem elogios por baterem em outras pessoas, aumentam o comportamento agressivo mais do que as que não recebem aprovação (GEEN; STONNER, 1971).

Alguns autores observaram que os motivos para a conduta agressiva variam, e propuseram uma classificação para essas diferentes formas de conduta. Bredemeier (1978) e Anshel (1994) classificam os atos agressivos em duas categorias, a agressividade hostil ou reativa e a agressividade instrumental. Berger (2011) acrescenta dizendo que a agressividade pode ser classificada como hostil quando o principal objetivo de um indivíduo é fazer mal a outro e, reativa quando há uma resposta agressiva a uma provocação, e, em ambos os casos, existe uma intenção explícita de prejudicar ou lesar outra pessoa. Já na agressividade instrumental, o autor descreve as situações em que uma pessoa causa dano à outra ou a machuca, mas com intenção de atingir determinado objetivo.

No âmbito esportivo, essa classificação também é utilizada e Bidutte et al. (2005) dizem que a agressividade instrumental no esporte pode até envolver dano ao

adversário, mas a intenção está relacionada com o alcançar de um determinado resultado esportivo positivo ou impedir que o adversário atinja a sua meta. Glaber (1987 apud SAMULSKI, 2002) exemplifica dizendo que um jogador de futebol ao impedir um chute de seu adversário ao gol, executando um carrinho, tem como meta impedir o gol adversário, podendo atingi-lo utilizando-se da agressividade instrumental a favor de seu time.

Bredemeier (2000) também ressalta a questão de a agressividade instrumental ser utilizada como algo positivo, afirmando que ela pode ser necessária à competição, pois pode ser utilizada como foco de atenção na defesa ou invasão dos espaços ofensivos, sem partir para comportamentos que associem agressividade com violência. Samulski (2002) segue o mesmo pensamento, dizendo que essa agressividade pode ser boa no esporte; por exemplo, quando o jogador se esforça para buscar uma bola perdida no voleibol, ele estará jogando pelas regras com alta intensidade, mas sem a intenção de lesionar. Hokino e Casal (2001) acrescentam que basta para isso que ela seja usada de maneira construtiva e positiva, de acordo com as regras esportivas e culturais inerentes ao esporte praticado.

Porém, Hokino e Casal (2001) apontam que a agressividade instrumental pode ser um caminho para a agressão e a violência e Romero e Silva (2010) asseveram que instrumentalização da agressividade pode, em alguns momentos, transformar-se em hostilidade.

Sendo assim, a agressividade é multifatorial, fatores genéticos e ambientais podem influenciar o comportamento agressivo, porém alguns autores (BIAGGIO, 1998; DIAS, 2000; HOKINO; CASAL, 2001; FRANÇA; YAEGASHI, 2005; GUIMARÃES; PASIAN, 2006; PIETRO; JAEGER, 2008; MENDES et al., 2009; ROMERO; SILVA, 2010) corroboram a mesma opinião dizendo que esses fatores não agem de forma isolada, mas que há, sim, uma interação entre eles para que possa ocorrer o desenvolvimento desse comportamento.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se classifica como descritiva, qualitativa, uma vez que descreve determinadas características de populações ou fenômenos, particularmente, como os técnicos das categorias de base de diferentes modalidades coletivas lidam com a agressividade (THOMAS; NELSON, 2002; BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Ressalta-se a importância que a pesquisa de abordagem qualitativa oferece para o estudo de fenômenos da área da educação, uma vez que a “pesquisa qualitativa busca captar o dinamismo e a complexidade do objeto de estudo, tendo como referência não só o contexto em que ocorre como também sua constituição histórica”

(TASSONI, 2008, p. 71). Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizado um levantamento de dados em campo.

Amostra

A amostra foi composta por dez treinadores das modalidades basquetebol, handebol e futebol atuantes nas categorias de base de uma instituição de formação esportiva, localizada em Barueri. O critério de seleção foi ser técnico de modalidades esportivas coletivas, cumprindo com todos os cuidados éticos exigidos para a realização de pesquisas com seres humanos e com a devida aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CEP/UPM n. 1448/04/2012). Todos os participantes tomaram conhecimento dos procedimentos de pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a participação, podendo a qualquer momento desistir de participar do estudo.

No primeiro momento, foi realizado contato com a Instituição na qual os técnicos atuam com o intuito de obter a autorização para as entrevistas. Obtida a autorização, foi feito contato com os treinadores participantes da pesquisa para o agendamento da entrevista. O próprio pesquisador entrevistou os técnicos, e as entrevistas aconteceram individualmente, sem a presença de outros técnicos, para não contaminar os resultados. As falas foram gravadas em gravador digital e posteriormente transcritas para análise.

Instrumento de pesquisa

Para essa verificação foi escolhido como instrumento de pesquisa o método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), Lefèvre e Lefèvre (2003).

Nesse método, utilizam-se questões abertas, previamente elaboradas, nas quais os sujeitos podem falar livremente sobre o assunto em questão. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), o pensamento é algo essencialmente discursivo e só pode ser obtido numa escala coletiva, partindo-se de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma que representem essa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, produzindo assim um discurso. Questões fechadas não teriam a mesma amplitude de respostas, pois não contemplariam o pensamento individual de cada entrevistado, mas um pensamento predefinido pelo entrevistador.

A metodologia do DSC é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal. Para confeccionar os DSCs, Lefèvre e Lefèvre (2003) criaram as seguintes figuras metodológicas: a) Expressões-chave (ECH): pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, demarcadas pelo pesquisador e que

revelam a essência do conteúdo discursivo dos segmentos, em que se divide o depoimento e que, em geral, correspondem às questões da pesquisa. b) Ideias centrais (IC): é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, de forma sintética, precisa e fidedigna, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar origem, ao DSC. A IC não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos. c) Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC.

Coleta de dados

Dessa forma, o presente estudo incorporou entrevistas abertas estruturadas, que permitiram ao sujeito discorrer livremente sobre o tema proposto, limitado, entretanto, por um roteiro preestabelecido de 5 questões que nortearam a entrevista com os técnicos. Os depoimentos obtidos foram gravados em gravador digital e, em seguida, transcritos, de maneira a recuperar sua integridade. A transcrição e a organização dos discursos se deram na mesma ordem em que foram realizadas as entrevistas. Os técnicos são identificados ao longo do artigo pela letra S (sujeito), seguida do número da realização da entrevista. Exemplo: S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10.

Com os discursos individuais obtidos por meio da entrevista, foi confeccionada metodologicamente a expressão do pensamento coletivo. Dessa forma, o tratamento dos dados foi organizado de acordo com a metodologia do DSCs de Lefèvre e Lefèvre (2003), que utiliza para tanto os diversos passos da construção do DSC, como já descritos. Iremos apresentar o conteúdo dos discursos mais frequentes, podendo, entretanto, descrever outro de acordo com a necessidade da discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo estão apresentados de acordo com o objetivo inerente a cada pergunta da entrevista. O produto de cada pergunta permitiu a captação de ideias centrais (ICs) que possibilitaram a construção dos resultados da pesquisa, isto é, os Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs), que serão discutidos mais adiante.

Compreensão sobre o termo agressividade

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo agressividade, foi formulada a seguinte questão: “Como você define agressividade?”.

A Tabela I apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

Tabela I

Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define agressividade?”

	IC (agressividade)	Frequência	%
A	Comportamento	3	30
B	Comportamento ofensivo físico	3	30
C	Comportamento ofensivo verbal	1	10
D	Instinto	2	20
E	Não definiu	2	20

Fonte: Elaborada pelos autores.

DSC1: referente à ideia central: A – Comportamento (S1, S9, S10)

A agressividade parte da iniciativa pelo fato de o menino querer fazer as coisas fortes em termos de jogo, é ele querer ir forte na bola, ir roubar a bola forte, marcar forte, é um menino que tem uma agressividade de jogo. Ela pode ser colocada em uma situação, ou num momento você ser agressivo numa postura, eu acho que às vezes pode ser até positivo a agressividade.

DSC2: referente à ideia central: B – Comportamento ofensivo físico (S2, S3, S4)

Agressividade: acredito que é algo como atitudes ofensivas se for num termo assim mais físico, porque, para você conquistar o objetivo de ocupar um espaço, você tem que ter um perfil agressivo, se não, você não consegue e é necessária porque o jogo de contato pede. Eles estão jogando em uma situação forte, com intensidade, se o moleque for agressivo, tiver uma atitude agressiva, isso pode ser positivo no ataque se o moleque for “passivão” [sic] ele não vai conseguir produzir muito, tem que ser um pouco agressivo.

Observando a Tabela I e diante dos dados obtidos dos DSCs, verifica-se que o conhecimento dos treinadores em relação ao termo agressividade é compatível com o que afirma Winnicott (1958). Em relação ao DSC I, referente à ideia central A – Comportamento –, observa-se que a compreensão dos treinadores é que a agressividade está associada a um comportamento positivo e de iniciativa própria do atleta. Ressaltam que no esporte a agressividade é necessária, pois consideram que ela potencializa a atitude de ir em busca de algo, como de uma marcação para

roubar uma bola ou de uma bola que está quase perdida. Winnicott (1958) destaca que a agressividade é algo inerente à natureza humana e que não possui uma conotação negativa, algo a ser experimentado, pois é uma das fontes permanentes da vida psíquica do ser, junto com a sexualidade, sendo algo natural e positivo.

Nesse caso, os treinadores referem-se à agressividade instrumental, que segundo Bidutte, et al. (2005) é um comportamento que pode envolver o dano ao adversário, porém, tem como intuito fazer a pessoa alcançar as suas metas (resultado positivo) ou impedir que outra pessoa alcance as suas metas (por exemplo, impedir um chute ao gol).

Compreensão sobre o termo violência

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo violência, foi formulada a seguinte questão, “Como você define violência?”. A Tabela 2 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

Tabela 2

Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define violência?”

	IC (violência)	Frequência	%
A	Intenção de machucar	4	40
B	Comportamento ofensivo físico e verbal	2	20
C	Índole	2	20
D	Impulso	1	10
E	Não definiu	2	20

Fonte: Elaborada pelos autores.

DSCI: referente à ideia central: A – Intenção de machucar (S1, S2, S3, S10)

Violência é aquela que vai para bater mesmo. É uma atitude que possa vir a lesar e agredir moral ou fisicamente o oponente.

A Tabela 2 apresenta que 40% dos treinadores definiram que a violência é uma atitude tomada com a intenção de machucar uma pessoa e 20% afirmam que a forma de expressar essa violência pode ser de forma física, verbal ou moral. Essa definição vai ao encontro dos estudos de Candau et al. (2001), que afirmam que a violência pode ser definida como ato de agredir física, verbal ou moralmente uma

pessoa com fins destrutivos. Andrade e Bezerra (2009, p. 448) reforçam esse conceito quando dizem que a “violência é uma reação relacionada à intenção de destruir e/ou negar a existência do outro devido à incapacidade do sujeito de usufruir de forma criativa de sua agressividade”.

Outros 20% definiram a violência como uma índole e 10% como instinto, porém Costa (1984) contrapõe essa definição ao dizer que a essência da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer a outra pessoa sofrer. Assim, o autor destaca que a violência é marcada pelo desejo que caracteriza o ato pensado para ferir outra pessoa, portanto, não havendo a violência instintiva.

Compreensão sobre o termo agressão

Com o objetivo de analisar o conhecimento do treinador com relação ao termo agressão, foi formulada a seguinte questão “Como você define agressão?”. A Tabela 3 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

Tabela 3

Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: “Como você define agressão?”

	IC (Agressão)	Frequência	%
A	Intenção de machucar	1	10
B	Comportamento ofensivo físico	1	10
C	Comportamento ofensivo verbal	2	20
D	Não definiu	6	60

Fonte: Elaborada pelos autores.

DSC4: referente à ideia central: D – Não definiu (S1, S4, S5, S7, S8, S9)

Agressão é quando você tira alguma coisa do menino: você pode ser agressivo, mas não precisa ser violento por isso.

Como visto na Tabela 3, analisando os resultados apresentados da IC D, verifica-se a dificuldade dos treinadores em definir o termo agressão, pois 60% da amostra deu uma definição imprecisa desse termo, muitas vezes, confundindo com agressividade.

Fernandez (1992) mostra que os termos têm significados distintos e diz que a agressividade pode ser dirigida para outras esferas, por exemplo, a aprendizagem

ou o esporte, e a agressão não pode ser dirigida, é uma ação grosseira (um ato violento) que não traz benefício ao indivíduo que a executa, nem para aquele que foi objeto dela.

Em outros casos, o termo agressão foi associado com a violência, porém, esses possuem alguma similaridade, pois segundo Sofia e Cruz (2012) a agressão é uma conduta manifestada com a intenção de destruir, ferir, degradar ou subjugar uma pessoa, inclusive a si próprio, um grupo de pessoas ou um objeto material. Hokino e Casal (2001) também corroboram com essa associação quando dizem que os atos agressivos podem ser tanto verbais como um olhar inamistoso, uma palavra mais rude, até atitudes físicas, como uma bofetada, um assassinato e um suicídio. Analisando a definição dada por Pereira (1975, p. 61) a violência:

A violência tem duas conotações primordiais: física e moral. Ela pode ser ostensiva ou secreta. Ser praticada fisicamente, através da agressão material. Mas também evidenciada por meio de gestos, atitudes, palavras, orais ou escritas, e até mesmo pelo simples olhar. Numerosas são as formas de que se reveste a violência como ingrediente de muitas ações humanas.

Assim, evidencia-se a similaridade entre agressão e violência, porém, ainda existem diferenças, como agressão que é desencadeada por um impulso (LORENZ, 1966) e violência por um desejo de causar o mal (COSTA, 1984).

Agressividade instrumental

Com o objetivo de analisar como o treinador lida com a agressividade instrumental deferida por seu atleta, foi formulada a seguinte questão: “Quando um jogador de seu time se utiliza da provocação para desestabilizar o adversário, o que você faz?”. A Tabela 4 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

Tabela 4

Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: Quando um jogador de seu time se utiliza da provocação para desestabilizar o adversário, o que você faz?

	IC	Frequência	%
A	Tira do jogo	6	60
B	Conversa com o jogador	4	40
C	Utiliza o fato como estratégia	3	30

Fonte: Elaborada pelos autores.

DSC1: referente à ideia central: A – Tira do jogo (S1, S2, S3, S4, S6, S9)

A gente corta na hora, tiro da quadra imediatamente, porque daí para passar para uma agressão, passar para uma atitude negativa, que pode prejudicar tanto ele como a equipe, é um tiro, e eu não concordo com esse tipo de estratégia.

DSC2: referente à ideia central: B – Conversa com o jogador (S2, S5, S6, S10)

Eu falo: olha, você não está com a cabeça no jogo, está pensando em fazer outra coisa que não tem nada a ver com ganhar ou perder a partida. Depois dos jogos a gente tem uma conversa com eles e pontua os itens negativos e positivos para discutirmos e a gente tenta mostrar que isso não é a maneira correta de jogar e a gente não quer que isso aconteça como educador; a gente tem que chamar este garoto e advertir ele de uma forma que ele entenda que aquela atitude foi errada, que não é legal estar cometendo.

DSC3: referente à ideia central: C – Utiliza o fato como estratégia (S7, S8, S9)

Eu não peço para fazer isso, mas, se por ventura o menino fizer e eu ver que ele não está batendo, dando cutucada eu até deixo, porque, querendo ou não, a gente aqui é uma competição e eles irão crescer, irão aprender isso e vai acontecer muito, então, se desde o início tiver a oportunidade de ter essa experiência, eu já deixo ele vivenciá-la. Aconteceu isso no último jogo nosso, uma situação de provocação sadia, em que o nosso garoto tentou desestabilizar o outro e ele conseguiu porque o outro não teve função dentro do jogo e a gente conseguiu o objetivo, é uma estratégia.

Verificando os resultados dos DSCs apresentados, pode-se observar que 60% dos treinadores têm a atitude de retirar o atleta do jogo quando observa que ele está utilizando a agressividade hostil, provoca verbalmente o adversário, com um objetivo instrumental que, segundo Bidutte et al. (2005), é utilizado para tentar alcançar e um determinado resultado esportivo positivo ou impedir que o adversário atinja a sua meta.

Os treinadores entrevistados justificam essa atitude alegando que esse tipo de agressividade pode passar rapidamente para uma agressão, caso o adversário revide a provocação, assim, torna-se uma atitude negativa, a qual pode prejudicar sua equipe e não dar nenhuma vantagem. Pujals e Vieira (2002, p. 91) corroboram com essa ideia ao dizerem que, “quando o atleta não consegue manter sua agressividade dentro dos limites das regras e do bom senso, atrapalha seu próprio desempenho e até o da sua equipe”. Romero e Silva (2010) apontam que a instrumentalização da agressividade pode, em algum momento, transformar-se em hostilidade.

Outra atitude tomada por 40% dos treinadores foi a de conversar com o jogador que tomou esse tipo de atitude para tentar conscientizá-lo de que aquilo é incorreto. Alguns autores (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; HOKINO; CASAL, 2001; BARROSO et al., 2005; BIDUTTE et al., 2005) destacam a importância do treinador na aplicação de uma orientação adequada a seus jogadores, para que a agressividade instrumental não passe para hostil, pois pode ocorrer, na busca por melhores resultados por uma vitória a qualquer custo, e, acreditando que a agressão melhora o desempenho esportivo de seu time, podem ordenar aos jogadores que intimidem o adversário de forma verbal e executem movimentos agressivos físicos com intensão de machucar.

Já 30% dos treinadores disseram utilizar a atitude do atleta como estratégia de jogo, alegando que isso pode desestabilizar o adversário, tornando-se um fator positivo para a equipe dentro de uma partida. Outra justificativa é que os atletas terão contato com esse tipo de estratégia quando adultos, então, é interessante que passem por essa situação o quanto antes. Segundo Geen e Stonner (1971), esses treinadores estão atuando como um reforço positivo para o desenvolvimento do comportamento agressivo. Os autores completam dizendo que crianças que recebem elogios por agredir fisicamente, aumentam o comportamento agressivo mais do que as que não recebem aprovação.

Postura do treinador frente ao comportamento agressivo

Com o objetivo de analisar como o treinador lida com o comportamento agressivo do atleta, foi formulada a seguinte questão: “Quando você percebe que um jogador está muito nervoso e agressivo (violento), o que você faz?”. A Tabela 5 apresenta as ICs captadas, a frequência das respostas e o percentual referente a cada IC desta.

Tabela 5

Caracterização das ideias centrais, frequência e percentual de respostas para a pergunta: Quando você percebe que um jogador está muito nervoso e agressivo (violento), o que você faz?

	IC	Frequência	%
A	Tira do jogo e conversa	5	50
B	Conversa	8	80
C	Tira do jogo depois volta	2	20

Fonte: Elaborada pelos autores.

DSCI: referente à ideia central: A – Tira do jogo (S1, S4, S6, S7, S8)

Se ele estiver muito agressivo, eu tiro ele da quadra para tentar se acalmar e tentar ficar mais tranquilo, e, se eu perceber que ele continua agressivo, ele não volta para o jogo, eu o substituo e tenho uma conversa com ele depois, porque eu corro o risco dele machucar alguém ou até machucar ele mesmo.

DSC2: referente à ideia central: B – Conversa (S1, S2, S4, S5, S6, S7, S9, S10)

Chamo e oriento ele para ficar calmo e tranquilo: é importante conversar com ele, explicar que ele iria cometer um erro, explicar para os demais que aquilo seria um erro para que os outros absorvam a informação, mostrar que talvez essa situação possa até prejudicá-lo no jogo, até o resto da equipe, então peço para ele se acalmar, para ele manter a cabeça no lugar.

Segundo Bandura (1979), o comportamento agressivo pode ser aprendido mediante um modelo social. O autor enfatiza que condutas indesejáveis podem ser eliminadas mediante modificação de conduta. No DSCI (50% dos treinadores) e no DSC2 (80% dos treinadores) há a preocupação de orientar o seu atleta a evitar o comportamento agressivo com intenção de machucar, alertando que esse tipo de conduta é indesejável no âmbito esportivo. A diferença nos discursos (DSCI e DSC2) está no fato de que no DSCI os treinadores, além de orientar seus atletas, também os retiram da partida.

Para Hokino e Casal (2001, p. 1), os treinadores, agindo dessa maneira, podem influenciar na formação da personalidade do atleta, de tal forma que pode até mesmo ter consequência na forma de ele experimentar e vivenciar sentimentos, podendo, assim “expressar sua agressividade de maneira adequada, ou seja, poderá se proporcionar um autocontrole, que favorecerá o seu rendimento esportivo e influenciará na sua Educação Social, Cultural e Desportiva”.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados, pode-se observar que essa amostra não tem clara a diferença entre agressividade, agressão e violência e que, para muitos, a agressividade é entrar “duro” contra o adversário. Acreditam que o comportamento agressivo dentro do esporte é utilizado, muitas vezes, como instrumento para busca de uma vantagem sobre o adversário e não é considerado algo negativo, mas necessário para que o atleta tenha uma postura mais combativa e positiva dentro de uma partida.

A possibilidade da agressividade se tornar agressão é grande, pois não há uma mensuração do nível de agressividade instrumental empregada pelo atleta. Conside-

rando que para atingir seu objetivo ele pode ferir a si mesmo ou ao adversário, essa conduta, que de início tem um aspecto instrumental, pode se tornar hostil, agressiva e violenta.

Nesse cenário, o treinador de categorias de base tem um papel fundamental, pois ele é um agente social que pode influenciar de maneira positiva ou negativa o comportamento de criança e adolescente que ainda estão em processo de formação. Visto que o comportamento agressivo é uma combinação de fatores que incluem a herança genética e os fatores ambientais, caso esse atleta, na base, tenha uma pré-disposição genética, a orientação dada pelo treinador poderá ser de fundamental importância na determinação de seu comportamento agressivo como um traço de sua personalidade.

Com base na análise qualitativa realizada nesse estudo, podemos concluir que os treinadores, em sua maioria, sabe diferenciar agressividade instrumental e hostil, mesmo sem saber conceituar essas diferenças. Na prática, eles não reforçam a utilização da agressividade instrumental verbal, ou seja, provocação com intuito de desestabilizar emocionalmente o adversário, pois sabem que rapidamente essa agressividade poderá se tornar hostil ou reativa. Quando a agressividade instrumental não é verbal, mas física, como “entrar forte no adversário” sem a intenção de machucar, ela é incentivada.

A maioria dos treinadores demonstrou ter preocupação em orientar seu atleta com o objetivo de evitar o comportamento agressivo, com intenção de machucar, alertando que esse tipo de conduta é indesejável no âmbito esportivo.

Seria importante que estudos em outras regiões fossem realizados a fim de ampliar a compreensão acerca dos conhecimentos, intencionalidades e efetividade das práticas formativas dos treinadores esportivos atuantes em categorias de base, no que se refere a essa complexa e fundamental temática integrante envolvendo o comportamento humano, que é a agressividade.

SPORTS FORMATION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS: BETWEEN AGGRESSIVENESS AND VIOLENCE

Abstract: Aggressive behavior is a complex subject that embraces all spheres of society and sport is one of them. This behavior within the sportive sphere is poorly understood and don't receive the same treatment from the scientific research and specifically when it comes to aggressiveness in sporting formation for children and teenagers, the material is still scarcer. Thus, the purpose of this study was to analyze how youth teams coaches of different collective sports deal with the issue of aggressiveness

in sporting formation for children and teenagers. The sample was intentionally composed by 10 coaches of three different collective sports, basketball, handball and soccer. For this purpose we have guided in a qualitative research methodology using an instrument with five open questions. Data were analyzed using the technique of social research called "Collective Subject Discourse"(CSD). The obtained results demonstrate that the coaches don't know how to distinguish conceptually aggressiveness of aggression or violence, but demonstrated knowledge in practice. Eighty percent of the sample revealed the concern in guiding his athletes to prevent aggressive behavior with intent to injure, but all agree that aggressiveness is important to sport.

Keywords: aggressiveness; child; sports formation.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. V.; BEZERRA JR., B. Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 445-453, 2009.
- ANSHEL, M. **Sport psychology**: From theory to practice. Scottsdale: Gorsuch Scarisback, 1994.
- BANDURA, A. Psychological mechanisms of aggression. In: VONCRANACH, M.; FOPPA, W. K.; LEPENIES; PLOOG, D. **Human ethology**: Claims and limits of a new discipline. Cambridge: Cambridge University Press. 1979.
- BANDURA, A.; UNDERWOOD, B.; FROMSON, M. E. Disinhibition of aggressive through diffusion of responsibility and dehumanization of victims. **Journal of Research in Personality**, v. 9, p. 253-269, 1975.
- BARBANTI, V. J. **Formação de sportistas**. São Paulo: Manole, 2005.
- BARON, R. A.; RICHARDSON, D. R. **Human aggression**. 2. ed. New York: Plenum, 1994.
- BARROSO, M. L. C.; KREBS, R. J.; VELHO, N. M.; FENSTERSEIFFER, A. C. B.; ROTTA, T. M. Fatores que geram violência no futebol: uma análise psicológica na região sul do Brasil. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 9, n. 2, p. 154-158, 2007.
- BARROSO, M. L. C.; VELHO, N. M.; FENSTERSEIFFER, A. C. B. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 7, n. 1, p. 64-74, 2005.

BARTHOLOMEU, D.; MACHADO, A. A. Estudos iniciais de uma escala de agressividade em competição. **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 189-201, 2008.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa**: do nascimento à terceira idade. Tradução: ALENCAR D, C. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BIDUTTE, L. C.; AZZI, R. G.; RAPOSO, J. J. B. V.; ALMEIDA, L. S. Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. **Psico-USF**, v. 10, n. 2, p. 179-184, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BREDEMEIER, B. The assessment of reactive and instrumental aggression. In: **Wingate Institute for Physical Education and Sport** (Org.). Proceeding of the International Symposium of Psychological Interventions in Sport. Netanya, Israel: Wingate Institute for Physical Education and Sport, p. 136-145, 1978.

BREDEMEIER, B. **The positive effects of instrumental aggression**. 2000. Disponível em: <<http://chat.carleton.ca/~jlandgo2/aggression.html>>. Acesso em: 10 maio 2013.

CANAU, V. M.; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIAS, E. O. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. **Revista Natureza Humana**, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000.

EIBL-EIBSFELD, H. Implications of psychology in training and preparation. In: ORLICK, T.; SALMELA, J. H.; PARTINGTON, J. T. (Org.). **Mental training for coaches and athletes**. Ottawa: Coaching Association of Canada, 1998.

FERNANDEZ, A. A agressividade, qual teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, E. P.; BORDIN, J. (Org.). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANÇA, S. L.; YAEGASHI, S. F. R. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências. **Revista Iniciação Científica CESUMAR**, v. 7, n. 1, p. 11-18, 2005.

GEEN, R. G.; STONER, D. Effects of aggressiveness habit strength on behavior in the presence of aggression – related stimuli. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 17, p. 149-153, 1971.

GONÇALVES, J. C. S.; CARVALHO, C. A. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avançados e resistências. **Caderno EBAP.BR**, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/mercantiliza%C3%A7%C3%A3o-do-futebol-brasileiro-instrumentos-avan%C3%A7os-e-resist%C3%Aancias>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 89-97, 2006.

HOKINO, M. H.; CASAL, H. M. V. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Revista Digital Buenos Aires**, v. 6, n. 31, 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (Orgs.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: EducS, 2003.

LIMA, M. A.; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Revista Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/5874/5344>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

LORENZ, K. **On Aggression**. Tradução: Marjorie Kerr Wilson. Harcourt, Brace & World, 1966.

MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 3, p. 262-268, 2006.

MACHADO, A. A.; GOMES, R. A.; BRANDÃO, M. R. F.; PRESOTO, D. Especialização esportiva precoce: análise da psicologia do esporte. **Revista Pulsar Revista da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí**, v. 2, n. 1, 2010. Revista eletrônica. Disponível em: <<http://www.esef.br/revista/index.php/pulsar/article/viewFile/2/3>>. Acesso em: 3 abr. 2013.

MANUCK, S. B.; FLORY, J. D.; MULDOON, M. F.; FERRELL, R. E. Central nervous system serotonergic responsivity and aggressive disposition. **PhysiolBehav**, v. 77, n. 4-5, p. 705-709, 2002.

MCCORD, W.; MCCORD, J. **Origins of crime**. New York: Columbia University Press, 1959.

MENDES, D. D.; MARI, J. de J.; SINGER, M.; BARROS, G. M.; MELLO, A. F. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, n. 2, p. 77-85, 2009.

- NISHIOKA, S. A.; PERIN, E. A.; SAMPAIO, A. S.; CORDEIRO, Q.; CAPPI, C.; MASTROROSA, R. S.; MORAIS, I. A.; REIS, V. N. S.; ROSÁRIO, M. C.; HOUNIE, A. G. O papel do polimorfismo funcional VNTR da região promotora do gene MAOA nos transtornos psiquiátricos. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 38, n. 1, p. 34-42, 2011.
- PATTERSON, G. R. **Coercive family processes**. Eugene, O. R.: Castalia, 1982.
- PEREIRA, J. **Violência: Uma análise do “Homo Brutalis”**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975. (Coleção Atualidade. v. 1).
- PIETRO, P. P.; JAEGER, F. P. Agressividade na infância: análise psicanalítica. **Revista Visão Global**, v. 11, n. 2, p. 217-238, 2008.
- PUJALS, C.; VIEIRA, L. F. Análise dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 13, n. 1, p. 89-97, 2002.
- RICC, R. Violência e perplexidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v.1, n. 10, 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/010/10ruda.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2013.
- ROMERO, E.; SILVA, M. C. S. Refletindo sobre a agressividade e coragem como qualidades aos atletas de handebol. **Revista Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 13, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1305.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2013.
- SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia**. São Paulo: Manole, 2002.
- SANTOS, A. R. R. Espírito esportivo: fair play e a prática de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n. 4, p.13-28, 2005. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.com.br/editora/index.php/remef/article/viewFile/1306/1012>>. Acesso em: 5 abr. 2013.
- SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: Infância e adolescência**. Tradução: Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- SOFIA, R.; CRUZ, J. F. Adaptação e características psicométricas da “escala de agressividade e raiva competitiva”: estudo preliminar com futebolistas portugueses. Gymnasium. **Revista de Educação Física, Desporto e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 218-237, 2012.
- SOUZA, M. A.; CASTRO, R. E. F. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, p. 837-845, 2008.
- TASSONI, E. C. M. **A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização**. Tese (Doutorado)—Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2008.

THOMAZ, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. C. M. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 2, n. 2, p. 27– 58, 2002.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WIDOM, C. S.; BRZUSTOWICZ, L. M. MAOA and the “cycle of violence”: childhood abuse and neglect, MAOA genotype, and risk for violent and antisocial behavior. **Biol Psychiatry**, v. 60, n. 7, p. 684-689, 2006.

WINNICOTT, D. W. **Agressão**. Em *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Original publicado em 1939).

WINNICOTT, D. W. **Collected Papers**: Through Pediatrics to Psycho-Analysis. Tradução de: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WINNICOTT, D. W. Raízes da agressão. In: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994. (Edição original: 1964).

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. (Trabalho original publicado em 1951).

Contato

Fabiano Dias
E-mail: fabianodias@gmail.com

Tramitação

Recebido em 22 de novembro de 2014
Aceito em 12 de agosto de 2016